



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XV—N.º 376—Preço 1\$00
9 DE AGOSTO DE 1958

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato—Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato—Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA—Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales do Correio para Paço de Sousa—Avença—Quinzenário

Facetas de uma Vida

As experiências de dois famosos viandantes

NO dia imediato, o primeiro sem nuvens desde a nossa partida de Coimbra, Cruz Gomes seguiu para Dornelas, de visita à família, de onde regressou já noite, montado numa possante égua serrana; César Roque e eu fomos ver as Minas da Panasqueira. É a meia encosta, no declive suave da serra, que ficam instaladas as casas de habitação, maquinismos, armazéns e uma linda Capelinha que um director das minas mandou construir e ofereceu à Diocese. No fundo corre um vale de terras amanhadas e logo se levanta outra serra, a entestar com esta—expressão contínua e uniforme destas redondezas. E lá ao longe o gigante da Estrela, magestoso, sobranceiro, barra-nos o horizonte. Um inglês que analisava minério, já moído, pronto para embarque, disse-me que não conhecia nada mais pitoresco na Inglaterra. José Ventura (8) «ciceronou» o funcionamento das máquinas, lavagem do minério e mais coisas, e levou-nos às minas de estanho furadas a martelo d'ar comprimido. Entre as muitas sensações que me vieram dentro das minas, não foi seguramente a mais pequena de todas o ter feito um grande «galo» na cabeça por me não saber humilhar! Petiscamos em casa do Ventura qualquer coisa que uma vizinha arranhou, pois a mãe e as irmãs deste tinham ido para Coimbra no dia anterior.

O Pai, homem baixo, simpático, cavaquiador e, com certeza de muita confiança, pois dirige os armazéns da Companhia há cerca de vinte anos o Pai, ia dizendo, presidiu à mesa e fez a despesa de tudo, cavaqueira «inclusivé». E logo seguimos para as Means, via Cebola. Aqui surge-nos dum oliv. cesta no braço, enfundo numas calças pardas, muito alto, muito vermelho, nada menos que a figura respeitosa do Pai do nosso respeitoso José Pereira(8ª)! Sentiu imenso a ausência do filho e reclamou a nossa presença em sua casa para beber e mastigar. Aceitamos a primeira proposta, recusando a segunda. A casa do José Pereira é rente à igreja, esta igualmente limpa, assenda e recolhida como a do Bodelhão. Despedimo-nos do Pai do

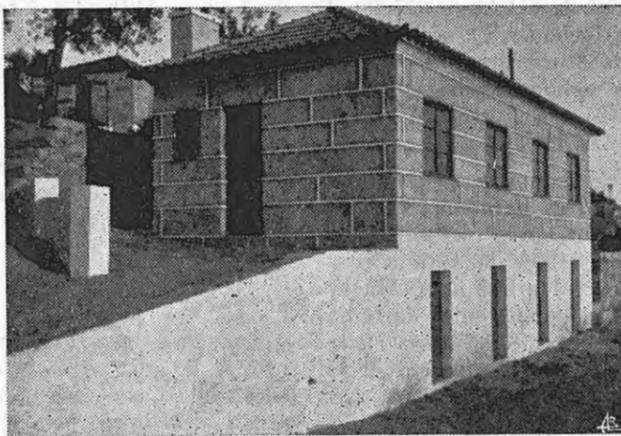
(Continuação do núm. ant.)

Zé Pereira e da Igreja, onde fizemos a «Via Crucis»; em cima abanamos uma pereira num campo do César, à beira dum ribeirito;—refrescamos a boca nas peras e os pés na água, e já o sol varria as pontas das serras quando entramos em casa, ricos da generosidade das serras e da pobreza dos seus habitantes.

Assim terminou o dia para logo vir outro, radiante, glorioso, que começamos a viver ainda com estrelas no firmamento. O meu companheiro de viagem continuou na visita à família, agora noutra povoação; eu nunca na minha vida conheci homem com tantos tios e primos como ele! César e eu descemos abaixo a Unhais. A igreja deste lugar é um bocadinho inferior às que tinha visto, mas o povo é irmão; muito recolhimento e respeito e uma considerável frequência de sacramentos.

De tarde subimos ao Picoto, no alto das Means, tão alto que só uma parte da Estrela nos empanava o horizonte. Tarde célebre, celeberrima, por muitos títulos!

Uma neblina impertinente pre-
Continua na pág. QUATRO



Longa (Tabuaço)—«No dia da inauguração, após a bênção das casas e entrega das chaves, as dependências foram invadidas pelo povo».

Património dos Pobres

Há muito que não dava notícias do movimento cá pelo norte, que outras, mais urgentes, se iam sobrepondo e o Famoso não estica indefinidamente, nem o recurso, sequer, ao tipo mais miúdo, a Intertype nos tem facilitado.

Começo, pois, por vencer a indecisão acerca do que diga, já que não posso dizer tudo de uma vez e prevejo grande concorrência ao espaço nos próximos números.

Escolho uma das últimas voltas. Rocha, Morris, mais eu saímos por aí fora um domingo, após o almoço, direitos a S. José de Godim.

Fomos encontrar duas casas nos últimos retoques, implantadas entre os dois braços de uma apertada curva, sobranceira ao Douro. Uma vez mais a situação é sanatorial. Em seguida passamos pelo sepulcro onde viviam os já agora felizes habitantes das novas casas. O buraco que se chamaria pomposamente porta, deixava ver uns metros para o interior. Depois foi preciso acender a lamparina. Uma das famílias é numerosa em filhos e filhas. Pai inutilizado pela doença. E a necessidade tal, que, quando outros pobres pretendentes foram pedir à Vicentina uma casinha e ela lhes dizia que era para F., todos se retiravam concordando que «realmente mais necessitado do que F. não o há». Depois desta visita já tive a graça de assistir ao acto, o mais feliz de todos, da entrega das duas casas. Preguei o «tantas... quantas...» até não haver família alguma em lugares como aquele que eu vira, o pior da freguesia—
Continua na pág. TRES

ANIVERSÁRIOS

Não foi apenas entre nós. A memória dos justos permanece viva entre os que conservam vivo o sentido da Justiça. É mesmo o grande valor que permanece. Ninguém tão de hoje como os Santos de todos os séculos.

De muitos lugares nos chegaram ecos de lembranças amigas no dia 16 de Julho. Figuras de primeiro plano na vida nacional; os Pobres por quem Pa: Américo deu sua vida; amigos das horas boas e más; sacerdotes...: «celebrei hoje junto ao túmulo do Francisco. Não esqueci o querido Pai Américo!

Como ele vive ainda no meu coração!! A minha vida não se pode separar dele! Como me sinto feliz ao pensar que foi ele quem deu jeito e forma ao meu apostolado!...»

Todos—um só coração e uma só alma! Felizes os que descobriram o mistério do encontro no Coração de Jesus!

x x x

Dia 4 de Agosto—outra data que não podemos esquecer, nem queremos que ninguém esqueça. Consumou-se a entrega de um Padre à Obra da Rua. Outro lhe foi prometido e dado dias após. A Igreja pronunciou-se.

Estamos em vésperas de receber um novo Padre. O Prelado que o dá, confirmou há dias, cheio de alegria, fruto justamente do grande sacrifício que a doação lhe importa: «A minha palavra não volta atrás».

Que todos se regozigem com esta nossa riqueza e nos ajudem a agradecê-la ao Senhor da Infinita Misericórdia.

SETÚBAL

A vida da Casa do Gaiato não tem métodos próprios.

Pai Américo no seu entender profundo quis que ela fosse uma casa de família para «os sem família», impregnada de amor. O resto é da intuição.

A ocupação do espírito está na base da cura das chagas do rapaz. Encher de beleza e utilidade as almas novinhas que a rua gangrenara de miséria e vício!

O gaiato trabalha e brinca. O trabalho e o desporto são necessários ao ressurgimento do espírito como o pão e o vestir à convalescença somática.

Cada um tem a sua obrigação. Por ela se responsabiliza, e dela dá conta ao chefe. Se há falhas vem o tribunal, onde a família reunida é Juiz e testemunha.

Andava, outro dia, a dar uma volta pelas limpezas. Crisanto pequeno, o chefe desta secção, anda agora envolvido em exames e não tem podido preocupar-se com ela.

A falta do chefe nota-se imediatamente. Ele traz o cunho da responsabilidade. É uma presença impulsionadora. Crisanto não podia; fui eu. Aquilo andava mal. Chamo os responsáveis. Fora a brincadeira, o desleixo, a distração, o não ligar, numa palavra a falta do chefe. Em tudo, o mesmo. Nas camaratas, nas camas, nos quartos de banho, nos cor-

Cont. na pág. TRES



«Naquele dia todos disseram que sim, mesmo os que já tinham dito que não».

Agora

Antes que me esqueça, aí vai um esclarecimento há muito pedido e prometido, que tem passado... Que a boa Comissão de recolha de donativos na Praça da República e ruas confinantes me perdoe.

Juntou a dita Comissão ao longo de uns meses de portas das, (Padre Manuel e eu soem porta, heroicamente batimos testemunhas) 38.020\$20, dos quais 25 contos nos foram entregues e o restante directamente ao Pároco do Carvalhido, para uma casa, a construir naquela freguesia.

Esta Comissão põe à disposição de quem quiser procurá-la, todos os documentos relativos a esta recolha de donativos.

Viva a Comissão da Praça da República e todas as mais que têm metido ombros a empresas semelhantes por esse Porto além!

E já que estamos em maré de esclarecer, faça favor de ouvir a «Maria da Beira». Esta Maria tem uma história bonita. (Ela até já teve «a tentação de não ler o Gaiato, para não sangrar tanto ao ver que não posso valer a tantos casos. Mas porque o sofrimento também salva, vou lendo e sofrendo com todos».)

Tinha encetado a construção de uma casa, pouco a pouco... «Comecei a mandar migalhas, mas depois, num gesto de confiança em Deus, arranjei o resto e mandei-o quase logo, para não fazer esperar o meu Pobre».

Ora a sua casa, «Maria da Beira», está há muito em Miragaia. Realmente a placa tem entre parentesis a indicação África, mas o velho livro onde Pai Américo registava a entrada das casas completas não tem tal, nem aparece lá nenhuma outra casa com o mesmo nome. Júlio, mais eu, pensamos que a explicação será assim: Como em Miragaia quase todas as casas têm placa trazida de África quando Pai Américo lá esteve em 1952, ele, pela velocidade adquirida, quando chegou à sua ligou a Beira da Maria à Beira de África e encomendou a placa com tal apêndice apócrifo.

Será assim? De qualquer modo, descanse, que há longos anos o seu sacrifício está a cobrir do sol e da chuva uma família abandonada.

Descanse pois, desta preocupação e continue a ler «O Gaiato» e vá «sofrendo com todos», que «o sofrimento também salva».

Ora na proeissão de hoje vão apenas duas casas completas. Uma, até sobra! São 15 contos e mais 5, «agradecendo uma graça ao saudoso Padre Américo, para o que V.ª Rev.ª destinar».

Ora destinei-os também ao Património. De sorte, que por um pouco mais, em vez de uma eram duas casas!

A outra foi somada pelos vitálicos do Terço, seu cape-

lão à frente. Este reuniu-os, falou... e baptizou a casa conseguida: «Casa de N.ª S.ª do Terço e Caridade».

Passa agora o do tabaco a menos e J. U. G. B., de Lisboa, com cem. O Pessoal do Grémio de Panificação do Porto, surge duas vezes: 182\$50 um mês e mais 100\$ outro mês.

Mais gente de trabalho. É o Pessoal da HICA: 1.917\$90. E como fechou o 1.º semestre de 58, a Administração da Empresa somou as seis contribuições do seu Pessoal e enfileirou: 11.736\$90.

Surgem agora os que juntam pedras para uma casa comum. Prá dos Professores Primários, 100\$ de Salgueiro — Bombarral e 20\$ do Cartacho. Prá dos Combatentes da Grande Guerra 25\$ da Maria Delta. A casa dos Combatentes vai ainda muito longe do fim. Eles têm de armar-se da tempera rija de outros tempos e de se atirar ao bom combate de amor, que só voluntariamente pode mobilizar e tampoucos voluntários mobiliza. Agora é o desfile da grande falange: os «das prestações».

Mais 3.500\$ dos Funcionários do Banco de Portugal, para a casa que eles desejam no Calvário. Eles lá sabem qual o Banco mais seguro para

depositar! A quarta parte, para a casa «Anunciação». — É o primeiro mistério de um rosário. «Lar da Nazaré — Plano à mercê de Deus» aparece pela 19.ª vez com 100\$. Outra vez mil para a «Casa por alma dum José». E outra vez cem do do plano decenal. O dobro para a «Casa do António e do Fernando» que fica em três mil e cem. Grão a grão...

Atenção a Lisboa: Mais 1.960\$50 para a Casa dos CTT, subscrito pelo Pessoal das Secretarias da CCE da Estremadura, ECP e CET de Lisboa, DSF 2 e Presepe. A gente não percebe nada destas letras, mas eles lá entendem. E ainda mais este recadinho a actualizar posições: «Em 22/6/56 enviamos 2.172\$50. Em 19/10/57, 8.388\$60. Com o que enviamos agora, perfaz a importância de 10.561\$10». Um pulo mais e mais um corte da meta.

Trezentos escudos referentes à 5.ª, 6.ª e 7.ª prestações da «Casa Avó Ema» e ainda desculpas pelo atraso. Mais 500\$ para mais um «Lar de S. José». E o mesmo, «sem atraso», para a «Casa de N.ª S.ª da Esperança». «Com esta prestação chego aos 4.000 escudos. O Senhor Meu Deus, que me dá muito mais do aquilo que eu mereço, tem-me ajudado e eu cá vou indo, pedra a pedra a construir a Sua casa.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!»

Da que nós necessitamos

Mais 200\$ para a Pobre de Monsanto. Um grupo de senhoras da Fazenda Boa Entrada, de Angola, que trabalham um dia por semana para os pobres do Continente, (lá também é Portugal), mandaram várias camisolas e que quentinhas elas são!

Quantas e quantas senhoras da nossa sociedade poderiam organizar grupos assim!

De um casal de V. N. de Gaia, por uma graça de Pai Américo 1.420\$. Os grupos excursionistas que gostam de visitar a nossa aldeia também deixam as suas lembranças. Assim, o grupo de futebol da JOC de Lourosa deixou-nos o donativo de 250\$; o grupo «Os Pacatos» 50\$; de um outro de Portalegre o mesmo; e logo o grupo «5 de Outubro» com 150\$. Um grupo de alunos da Escola Mista de Rossas — Arouca desfazendo-se em desculpas por ser tão pouco, 50\$.

Das alunas da 2.ª classe da escola n.º 10, por passarem para a 3.ª, 28\$50. Que alegria nos dão estas crianças ao enviarem-nos esta quantia! Tão pequeninos e já dando a mão à miséria. O assinante 4343, para a pobre viúva, referente a Junho, 100\$, mais outro tanto de Tomar; Lisboa aparece com 50\$ e logo em seguida 500\$+50\$ agradecendo uma graça. De uma anónima 50\$+20\$ de Ilhavo, em agradecimento de uma graça e 200\$+200\$ de A. M. do Luso, juntamente com um grande baú com roupas. Depois Alda G. pedindo, para que nas nossas orações não nos esqueçamos dos seus netos, 50\$.

Do Gran Hotel de Cortona — Espanha 50\$. Mais do Porto 100\$ e mais 100\$ pelo bom resultado do seu filho no exame do 5.º ano liceal. De uma humilde conzinheira 20\$, sabe Deus com que sacrifício!

Uma Adorinda com o marido desempregado e com 5 filhos a seu cargo envia-nos, 20\$. O sacrifício dos sacrifícios! É pouco — diz ela, porque é humilde. Porque de contrário não diria — «envio esta pequena esmola». Pois quem tira à sua boca e à dos seus próprios filhos, para dar aos pobres, não lhe podemos chamar pequena esmola, mas sim a maior de todas.

Já Cristo disse naquele tempo: «quem deu mais foi aquela viúva porque deu tudo o que tinha». O donativo é pequeno mas a vontade é enorme e isto é que conta; tudo o resto são acréscimos. Deus a cubra de bençãos.

Da Beira mais roupas, logo atrás uma anónima com 400\$, pedindo para que enquanto viver se possa lembrar constantemente de Pai Américo.

De Miranda do Douro a senhora J. D. P. apresenta-nos com imensa alegria 25.000\$ para as despesas de algum seminarista que se queira dar a esta Obra de corpo e alma. Pois já estão destinados a um que dará entrada brevemente num seminário.

Do Castelo do Douro 50\$00, mais 50\$ do assinante 76012, + 50\$ de Ilhavo, pela passagem dos seus filhos no exame de admissão. Confirmamos que tudo o que tem mandado cá chega.

De F. P. 200\$; metade do assinante 15877 para comemorar o aniversário da morte do Pai Américo. As costureiras do Hospital de Santo António enviaram uma caixinha de botões com 40\$. Costuma ser uma saquinha. Mas desta vez é uma caixa de botões. Ferramentas de costureira! 20\$ de Irene; outro tanto de S. Pedro do Sul. E, para encerrar esta graciosa procissão o assinante 25635 entrega 200\$ para os pobres nossos irmãos em Cristo!

Muito obrigado e até à próxima se Deus assim o entender.

F. DIAS

Chales de ORDINS

Alguém de Lisboa assim escreve: «recebi o mês passado o chale branco que muito agradeço. Este mês quero novamente um branco dos médios, pois os bebés pobrezinhos não param de nascer». Constitui um exemplo a seguir pelos que podem a seguinte carta. Poderia o signatário fazer como tantos, fechar-se na sua avareza ou esbanjar perdulantemente, desconhecendo a sorte dos outros. As vidas dos humildes, pregados na cruz, atormentam-no. Ordins abriu na sua alma uma fonte de generosidade que vem correndo, desde há meses. Que o seu exemplo encontre seguidores. «Que aproveita, escreveu S. Jerónimo, cravejar de pedras preciosas as paredes da nossa casa, se Cristo morre de fome na pessoa do pobre? Não são teus os bens que possuis, mas uma gerência que te foi confiada». A última parte da carta: «os bebés pobrezinhos não param de nascer», conjugada com os números da estatística, que diz serem 600 milhões as crianças que no mundo passam fome, parece estar em flagrante contraste com o Evangelho. Mas não. Deus criou todas as coisas, para que todos os homens, sem excepção, se pudessem salvar. Sem um mínimo de condições materiais, é impossível praticar a virtude. Há, porém, uma má distribuição das riquezas e dos produtos da terra, de que Dens não é o culpado. O homem não é senhor absoluto dos seus bens, mas mero administrador. A caridade virá, após a justiça, para que todos se sintam irmãos e possam rezar o Pai Nosso.

O Porto vem por dois. É já pessoa conhecida. Agora são 4 para Vila Real. É também uma freguesia. Lisboa envia palavras de amor. Ora queiram ler: «como vejo que esta altura é a mais

Continua na pág. QUATRO



ESTAMOS na altura do incêndio. O fogo é provocado pela fúria do gozo e do prazer. Nós tememos a ira de Deus, exigida pela maldade dos homens. Todos os anos nesta época balnear assim é; e é cada vez mais.

Propositadamente procuramos ir pedir às praias e termas de Portugal. Pai Américo dizia que *vamos por amor, dar-lhes a mão para que se salvem. Para não gastarem tudo mal gasto.* Há ali autênticos naufrágios e não há bombeiros preparados para o salvamento. Parte da nossa sociedade de hoje perde-se. Perde-se, porque perde a consciência e até a própria dignidade. Já ouvi chamar a praias portuguesas «um açongue». Ó verdade dura de ouvir e de pronunciar! Mais dura, por ser verdade!

A Doutrina que apresentamos é dura. Nós pregamos o contrário daquilo que a gente que por lá está quer ouvir. Pregamos Deus e os seus Pobres. Falamos na Justiça, sem a qual não podemos fazer a verdadeira Caridade.

Levamos para o altar vidas de irmãos nossos em martírio contínuo, sem um raio de alívio humano. Apresentamos aflições de mães viúvas com um bando de filhos à volta. Falamos do desespero de pais que não ganham o pão suficiente para a família. Transmitimos gritos de orfãos que vagueiam pelas ruas, à deriva. Mostramos vícios e taras de crianças abandonadas, sem culpa alguma dos pecados dos pais. Trazemos calvários de doentes que não têm cireneus que os ajudem.

Em confronto com esta doutrina, somos obrigados a denunciar as piscinas desnudadas; os restaurantes que servem de tudo; os cinemas sem critério; os circos sem vergonha; os divertimentos sem moralidade; o esbanjamento de dinheiros; a moda sem dignidade.

E denunciaremos tudo isto por amor de Deus e por amor à tua alma e ainda por amor a uma sociedade mais justa.

Há tantos portugueses com fome! Há tantos irmãos nossos caídos na miséria por nossa culpa! Há tanta gente que vive na escravidão, sem um dia de conforto!

Tu, que nos lês ou nos escutas e que ainda conservas a delicadeza de consciência, tenta criar à tua volta um ambiente de sanidade moral. Procura ser apóstolo.

Padre Horácio

PATRIMÓNIO DOS POBRES

tre muitos outros quase iguais. Aquele terreno comporta mais duas ou três casas. E há-de haver por lá outras nesgas até à data inúteis para todos e afinal uma riqueza em potência, para comunicar a Graça aos donos de agora mais aos de depois. Já agora informo que em Godim não se dorme sobre louros. Entregues as primeiras duas, já outra está a andar, a Casa Pai Américo, que todos hão-de ver, quantos passarem do Porto à Régua ou da Régua para cá. De lá me comunicam: «Temos até agora 560\$ e alguns donativos em madeiras, etc.». E eu acrescento aqui: E têm uma grande Fé!

De Godim à Queimada, concelho de Armamar, é um pulito. Em Fontelo de S. Domingos juntamos Padre Duarte à comitiva e fomos por aí fora. Em Queimada apenas projectos ainda longe de concretizar.

Não chegamos a ir, que a tarde ia no fim, mas Padre Duarte dá-nos notícia de outros projectos em S. Cosmado e eu digo aqui que mais duas casas vão ser. À frente uma Religiosa Reparadora do Sagrado Coração de Jesus. Cabo de guerra com saias... não acabou em Joana d'Arc. Nas guerras da Caridade ainda hoje as há.

A tarde ia no fim... Porém, nem tanto que não pudéssemos subir ainda o Monte de S. Domingos a encher os olhos e os pulmões do bello e do bom que Deus fez para a sua criatura dilecta, tão dilecta que a adoptou por filho, cimentando a adopção com o Sangue do Filho. Eu quis que Rocha visse! Mas, verdadeiramente, no fundo da minha insistência havia muito do «pedido do guloso pró desejoso».

Padre Duarte e um Senhor Doutor não sei se mais amigo seu, se nosso, não desistem de ali fazer uma casita para a Obra da Rua. Seria a casa de montanha para os gaiatos fracos! Seria uma deliciosa e autêntica casa de retiros! Seria mundos e fundos de todas as qualidades! A princípio Padre Duarte queria que nós ajudássemos. Agora só quer que aceitemos a casa. Eu estou escaldado em negócios! Ele é o maior dos comilões! Desconfio! Já lá levei Padre Horácio... E estou a ver que ainda acabamos por cair!

Manhã seguinte após a missa e café, abalamos de novo. Primeira estação era Provezende. Provezende é uma vila com história. Lembra uma velha cidadela acastelada e está cheia de casas senhoriais, algumas delas bem pouco conservadas.

Vem da página UM

Pároco não estava. Tivemos pena. Porém, houve ocasião de ver que também a sua residência é bem a casa dum pobre.

Perto dali arranjam um guia que nos levou às duas casas a terminar de pedreiro. Casas boas, demasiado divididas, e um nadinha engravadas na encosta aonde são. As próximas hão-de tirar mais partido.

Tornamos a descer. Pedimos ao nosso guia que nos levasse a algumas casas das mais pobres. Em qualidade e quantidade é do mais aflitivo que temos visto. Bairros inteiros de casebres escuros e imundos.

Segundo me informaram, em Provezende há 300 «fogos». Eu não arrisco números, mas, do que vi, é grande a percentagem incapaz sequer de uma reparação que valha a pena.

Perguntei por trabalho. Não há indústrias. Vive-se só das vinhas. Há falhas certas de trabalho de três e quatro meses em cada ano. Não há dúvida que o problema habitacional de Provezende é grave e difícil. Por isso mesmo urgente. Ele há-de ser objecto—além do mais!—de um trabalho de catequese maciça. Só um esforço bem dirigido de solidariedade cristã é capaz do arranque daquele terrível ponto morto em que jazem tantas famílias a despertar para a aspiração de uma casa humana e que têm de ser preparadas para a transposição de todos os obstáculos inevitáveis.

O Património não é ali a

solução universal, não só porque são muitos os casos dos sem-casa, mas porque a maioria deles não é propriamente indigente, apesar daquela cruel constante de três a quatro meses sem trabalho em cada ano.

Acabo de ler em «Novidades», no fundo «Justiça integral», que o Engenheiro Rogério Martins subscrive, estes períodos que definem uma posição de partida, aquela mesma a que uma vez levado o povo de Provezende, lhe permitiria, o mais possível por si só (O solução feliz! O única que não é quase utópica!), a **ressurreição** que urge:

«É muito cómodo atribuir a umas místicas qualidades da raça alemã o esforço extraordinário que os alemães fizeram no após guerra; mas uma investigação concreta «in loco» demonstra que as razões são da ordem universal, e ao alcance de todos os povos. As razões são que **uma profunda justiça impregnava a ordem comum**: todos ficaram arruinados com a reforma monetária, todos tiveram de recomeçar quase do nada, todos tinham de trabalhar muitas horas por dia, todos tinham de viver em partes de casa ou pior que isso; a ausência de privilégio, a consciência de que as oportunidades se abriam a todos e eram, como é justo, os mais qualificados que subiam a postos responsáveis, dava uma tremenda força ao empreendimento colectivo. «Caminho livre para os aptos». (...) Abençoada Sociedade que adopta esta saudável norma de justiça por divisa!»

Meu caro Pároco de Provezende. Eu não sei se esses solares mal conservados que por aí vi significam apenas desleixo dos seus donos, que moram nas cidades e por lá gastam frutos do suor de outros que por aí ficaram vegetando; ou se é verdade que até a esses grandes de outras eras chegou a tinha e o caruncho que só

Setúbal

Cont. da pág. UM

redores, as limpezas andavam pelas ruas da amargura!

O primeiro a responder foi o Meia-Lua. Tem doze anos este pequeno. Veio de Setúbal. Conhece na cidade todas as vielas e, em Almada, onde já viveu, os cantos e recantos com todos os segredos e insinuações. Andou na escola três anos... Nunca passara de classe. «Eu fugia. Era o convite da rua.

Meia-Lua é esperto; os seus olhos largos, saídos, brilhantes, dão-nos a impressão duma criança viva e franca. Passou de classe com facilidade.

Porque tens a tua obrigação neste estado?—foi a minha pergunta em tom aborrecido, pelo que tinha visto. O rapaz engendra uma desculpa habilidosa e eu concluo—sou obrigado a castigar-te.

Ao canto da porta estava o cabo de uma vassoura. Pego-lhe, e, novamente, interrogo: Meia-Lua—queres ser castigado?

—Quero sim senhor.

—Qual é melhor para ti, apanhar ou não apanhar?

O pequeno olha-me com um olhar penetrante, amoroso e meigo e dos dois olhos rebentaram espontaneamente quatro lágrimas abundantes enquanto respondia:—é melhor apanhar.

É claro, que eu fiz o que tu farias. Meia-Lua havia já sido castigado. Daí as lágrimas douradas que lhe banharam a face. O cabo da vassoura não foi necessário. O rapaz compreendeu e eu também percebi. Foi a intuição. A intuição do amor.

São assim os rapazes da rua. Por baixo da lama que a rua encrustou às paredes da sua alma escondem-se pérolas de grandeza e encanto que é preciso descobrir, apreciar, purificar e valorizar.

Espero que Meia-Lua venha a ser uma lua-cheia, um sol fulgurante a indicar à sociedade que o abandonou a nobreza e o valor dum homem que se perderia, como tantos, por esse Portugal além.

Padre Acílio

Vale mais a saúde que o dinheiro

Para aqueles pobres do meio rural (nesta designação cabe uma data de gente que trabalha) e cuja doença, na generalidade, não é de hospital, não se vislumbra, ainda, uma solução geral de assistência medicamentosa eficaz.

Médicos há. Que receitam. Fazem

não corrompem os bens de vida eterna. De qualquer modo ainda há aí alguns solares a denotar fartura. Há-de haver alguns remediados. E há, **sobretudo**, a miséria injusta e perigosa da grande massa que pouco a pouco se vai desumanizando. Acredite que essa miséria arrasta consigo forças desconhecidas que, ou nós as dirigimos por amor, para a consecução da Justiça, ou elas se desencadearão um dia contra nós, pela omissão peccadora do nosso devido amor.

Não receie!—trata-se de uma cruzada. Deus a quer. Deus providencia... se nós não baixarmos os braços em demissão do dever primeiro e total: **Amar**.

Primeiro, porém, há que pregar a cruzada. Trabalho duro, ingrato, lento—porque tão longe se deixou chegar o mal; porque tão tarde se começa.

Creia que a solução não utópica—e a mais feliz!—será aquela em que o povo de Provezende contar, sobretudo, consigo mesmo.

Mas, como tal não basta e é preciso estimular o povo com auxílio eficaz, oxalá seja recebida a Graça que lhes leva, quando bater a porta daqueles que o devem ajudar.

o que lhes compete e às vezes, quantas vezes, generosamente, vão muito além. E são tantos! Recordo ao acaso aqueoutro que, outro dia, seringueiro delegado de propaganda de certo laboratório por umas amostras «prós meus pobres». Médicos do corpo e da alma. E são tantos! Felizes! Quão felizes!

Ainda hoje, de manhã, me apareceu—e aparecem cá em casa todos os dias e mais que uma vez ao dia—uma mulher vergada ao peso da doença, dos filhos e da fome. Cara de fome. O homem é jornaleiro. Quando chove não trabalha. Quando doente também não. E quando sem trabalho não ganha.

Sendo certo que o homem, seja qual for, tem o instinto da conservação, essa gente do campo para curar mazelas faz prodígios. Não olha a nada—tão pouco ao pão dos filhos. E toda a jorna vai direitinha para a botica. E não devia ser. Mas é!

Vidas heróicas. Noites de insónia. Trabalho sem descanso, de sol a sol e quase sem comer, se andam «a seco». Vidas heróicas! E mal dão fé que ao tapar um remendo outro aparece; se não logo, amanhã...

Quanto me custa recusar drogas a esta classe de gente! Porque sei que o ganho é pouco e se faltar o braço o mal é dobrado. Assim desfalece, lentamente, a nossa mais humilde gente do campo.

Nas cidades há centros, há outros meios de arranjar o que falta na aldeia. E a distância das facilidades havia de ser—salvo as proporções—sensivelmente a mesma.

«Meu senhor, a que portas mais hei-de bater? Dar uma volta à freguesia? Ninguém me dá nada. Não chega». Pois não. Eu sei que não. Nós sabemos que não. E falamos, assim, já desanimados, desiludidos, vencidos por uma sociedade madrastra. Mas com uma resignação de tremer. «A que portas mais hei-de bater?»

Se Deus não fosse Pai desta gente boa. Se Cristo não estivesse com ela. Se Cristo não a recolhesse, especialmente no seu regaço amantíssimo, poderíamos, talvez, comer sossegadamente, tranquilamente, insensivelmente.

Continua na pág. QUATRO

CONTRASTES

Há dias, entrei no lar de um dos nossos rapazes já casado e quedei-me a observar. Tudo em ordem. Tudo tão limpo e tão alegre! Os mais pequenos pormenores não são descuidados. Não faltam as flores nas jarras, nem o aroma dos cravos, tratados com esmero num recanto do quintal. Os vasos com plantas também lá estão, em sinal de vida. Nada a mais.

O aconchego daquele lar prende. É um casal feliz. «Passo tão bem os dias aqui dentro que nem apetece sair. O meu regalo é poder estar sempre aqui». A Idalina deixou-se prender pelo ambiente que a rodeia e que ela própria criou. E tem razão.

Naquela hora, não me pude conter. Pelo meu espírito passou a outra face do problema. Casos ainda frescos. Pela quinta vez,

uma carta angustiante:—«Ajude-nos. Não sei o que fazer. Sou tuberculoso. Estou separado de minha mulher e filhos porque não temos casa para viver, nem dinheiro para pagar a renda». Que contrastes! Ali mesmo, a pequenina sala de jantar foi testemunha. Falei deste pesadello, não para lançar sombras na felicidade dos que me ouviam, mas para que medissem toda a sua grandeza e dessem graças a Deus.

Quantos lares desfeitos! Quantos a caminho da desagregação! Quantos lares frios! «Porque não temos casa para viver». Ele contenta-se simplesmente com uma casa. Eu acrescento—«uma casa digna». Onde haja o dedo da esposa no seu arranjo e onde o marido se sinta bem no regresso do trabalho.

Padre Manuel António

VISTAS DE DENTRO

O pedido viera já há dias. O Instituto onde ele está, ao que parece, encerra para férias e o pequenino, que é dos Açores, não tinha para onde ir. Perguntou-se se ele sabia e era capaz de algum trabalho. Como sim, ele veio. Chegou hoje.

O Jacob tem 11 anos e é cego de nascença. Está crescido, tem uma cara muito engraçada e viva. Eu cuido que deve ser um espertalhão.

O resto da malta tem sido um rodopio em volta dele. Todos querem ver e falar, como se nunca houvessem visto um cego. Todos querem guiá-lo. Mas eu a quem o entreguei foi ao Sejaquim. Sempre quero ver o que dá um cego a guiar outro cego!

E há bocadinho, aqui da janela do escritório, espreeitei e vi: Sejaquim e Jacob, os dois da mesma altura, lado a lado. No meio um dos batatitas por guia. Em cada seu ombro a mão de cada cego. Na outra de cada qual uma cauita saltitante, que tudo vê. No rosto engraçado do Jacob uma alegria comunicativa. E eu quase desejei que as férias dele não acabassem mais.

ZÉ Caraças, posto seja, cá no interior aquilo que o nome indica, um mal encaradão, tem um jeito para levar os senhores visitantes... que bolas e prendas não há quem lhe leve a palma!

Há dias foi uma bola grande, sedutora. Eu tive escrúpulos, só por minha autoridade, de consentir aquela posse e disse que à noite, depois do terço, pedisse a palavra e o conselho à assembleia dos doutos. Assim se fez. E à pergunta: «se é bem que esta bola seja só do Caraças» respondeu o coro da miudagem um sim de aclamação.

Ora hoje após a refeição do meio-dia o chefe maior vai dar com um, muito devotado a descascar batatas. Admirado, in-

Chales de ORDINS

Continuação da pág. DOIS

fraca, venho encomendar já para o inverno». Se todos assim fizessem eu não gemeria aqui tanto. Mas a verdade é que, fora do inverno, as encomendas são, por vezes, como na presente época, escassas.

Avelino recebe um cheque de Lisboa. Eram 200\$ para pagamento dum chale pequeno e dum assinatura do Famoso. Que faz? Divide a meio a importância... e vamos embora.

Fátima vem por dois, como prémio de exame para duas irmãs, «a que junto todo o amor e admiração que merece a simpática obra da sua Conferência».

Alguém lembrou-se da nossa Conferência com 50\$ e os «Cimentos do Cabo Mondego» vieram com a ajuda de 50 sacos para a «Casa das Tecedeiras», que vai subindo lentamente.

quire do cozinheiro sobre a urgência das batatas e colhe deste a explicação: «Ele está aí por conta do Caraças. Desde que veio a bola, há sempre quem o ajude na obrigação para depois jogar.»

Ora vejam os senhores como se sabe viver na Casa do Gaiato.

MELÕES e melancias foram sempre frutos de muito amargor cá em casa. Eles a crescerem; olhos gulosos a cobiçá-los; e ainda bem não tinham começado a amadurecer, já havia provadores em experiência.

Tempo de melões e de melancias... tempo de fruta—é tempo certo de tribunais. Tão certo, que eu, o ano passado, estando sozinho e cansado, dei ordens para se não cultivar nem melões nem melancias. Mas disse e disse do desgosto que isso me causava.

Este ano, porém, regressamos. A presença de Padre Manuel António é uma garantia. Regressamos à cultura de melões e de melancias, mas não aos terrenos onde tradicionalmente ela era.

Rocha vai ao campo do lado da mata mais visível do lado de cá e abre os respectivos regos. Quem se aventurar já sabe o risco que corre... E a verdade é que até ao presente só o Aranha veio a tribunal e recolheu ao leite por via da fruta verde. Mas os melões e melancias não há notícia que tenham sido procurados.

JÚLIO ninguém no atura maior-lo seu menino. «Sabe? Ri-se muito». «Sabe? Já se senta». «Sabe? Come já muito bem a sopita de legumes e havia de o ver a comer um bolo!...»

E em cada dia, em cada regresso ao trabalho, eu tenho de ouvir todas as gracinhas do menino do Júlio.

Outro dia—já não sei o que contou—vinha exuberante. Essa manhã trouxera-lhe além do mais, grande consoladela na Tipografia. Júlio juntou as duas alegrias em seu coração pleno de paternidade e transbordou:

«Quer saber que desde que tenho o meu filho amo mais os meus rapazes?!»

O amor que Deus põe nos corações tocados é assim: quanto mais, mais. O amor de seu filho fá-lo comprar mais fardo quanto precisam, também de seu amor paterno estes irmãos mais novos que não têm pai. Daí, este «amo mais os meus rapazes».

GUILHUFÉ I, o da Tipografia, tem sido um caso difícil de torcer. Ele muitas e muitas aventuras de muitas espécies. Depois, uma responsabilidade grande: É inteligente e tem tido oportunidades para ver claro o mal e os remédios a usar.

Mas Guilhufe não é mau. Nenhum é mau, embora certos tornem difíceis a si mesmos e aos outros, aquela cura, às vezes dolorosa, que se impõe.

Aquando de uma das dele, o castigo foi entregar dois meses aquele bocadinho de dinheiro que os maiorzitos têm para o bolso. Chegou o fim do mês. Eu

confesso que me esqueci. No dia do pré, Guilhufe bate à porta do escritório e entrega a moeda fresquinha em suas mãos.

Estes castigos a cumprir a longo prazo têm para mim muito valor. Primeiro: a sua honestidade posta à prova. Ele podia ter esperado que eu o chamasse a contas. Não era sério, mas poderia passar no esquecimento. Assim, aquela aplicação da pena por suas próprias mãos valeu-lhe o dobro. Depois, estes castigos à distância são-no também para nós. Eu já não me lembrava da falta que o determinara. Decerto não fora caso muito grave. Naquela hora em que ele me estende a moeda apeteceu-me entregar-lha de novo. O que fora passara já, e decerto não fora caso muito grave para já eu o ter esquecido!

Mas não, lembrei-me da minha infância. Também comigo fora assim: «Palavra de rei...» E partilhei em silêncio o castigo dele, que me custou tanto ou mais do que a ele. Por isso mesmo tanto mais valor.

Vale mais a saúde que o dinheiro

Cont. da página TRÊS

Mas Deus é Pai de todos, sem distinção. E cada um de nós uma célula do Corpo Místico de Seu Filho. E os membros «enfermigos»—os Pobres—escolheu-os, preferiu-os, são filhos dilectos. Na família, se uma criança é doente, os irmãozitos, tudo o que apanham, levam ao pequenino enfermo. Já não faz no Pai ou na Mãe...

Não se vislumbram, ainda, melhores dias para os humildes do campo. Mas como está provado, como nós provamos diariamente, se a botica é escaudouro de muito pão de muita gente que não tem, vamos então suprir a primeira para que, ao menos, não falte o segundo, que é pouco, mas vai entretendo estômagos vasiaos.

A gente não quer armar em pensador de soluções. Não. O vicentino é, por natureza, impotente, frente à complexidade dos problemas que lhe surgem. Já faz muito a tapar furos e a levantar poeira a ver se o mundo dá fé.

Ora eu acho que, para já, talvez não seria mau de todo, em primeiro lugar, colocar as drogas ao alcance de todos. Não se deve fazer demasia do negócio com os medicamentos! E, assim, tornar acessível a todos as maravilhas da ciência. Vale mais uma vida que o dinheiro. Assim há que pensar. Assim que agir. E assim será dito amanhã, no Juízo Final, quando formos inquiridos.

J. M.

Facetas de uma Vida

Continuação da pág. UM

judicou um tanto a visão dos largos horizontes; ainda assim a experiência foi para mim inédita. Tenho subido a outros picôtos, noutras terras, onde a vista se perde em planícies de areia; planícies de água; planícies de verdura e ali nada disso divisei. A vista caía sobre o dorso esguio de serras negras, num ondular seguido, constante, uniforme, deveras impressionante e a expressão de tudo quanto via tinha um misto de sever-

COBRANÇA

Têm sido aí encontros sobre encontros das «sumidades» cá da aldeia sobre a organização dos ficheiros do nosso jornal.

Eu julgava que ele já era a última palavra, mas depois soube, até, que há uma máquina capaz de pensar por nós e de resolver todos os problemas que quisermos, no que respeita às relações com os assinantes. Avelino inteirou-se e regressou do Porto entusiasmado. «Dando a nossa máquina são só 80 contos! E paga-se quando e como se quiser!...» Mas eu tenho cá para mim que dessa está o Avelino livre!

Ora o Famoso nunca foi, nem será, se Deus quiser, um jornal comercial. Também não é um folheto de propaganda que se atira ao ar para cair onde cair; ou cuja aceitação se mendigue. Tampouco é, ou melhor, deve ser, o pretexto de uma esmola. Esta dá-se a troco de nada. E um jornal, seja qual for, tem sempre um valor intrínseco, que em nome da mais elementar justiça comutativa pede retribuição. «Quem aceita o jornal contrai uma dívida»—escrevia Pai Américo em 25 de Novembro de 1955, quando, ao verificar as centenas de contos que andavam por fora, resolveu começar a cobrança.

Verdade seja que este trabalho tem andado em passo muito lento, e daí que não acompanhe o ritmo das desactualizações e provoque até desencontros com alguns assinantes que se puseram em dia enquanto a cobrança se preparou aqui e chegou a sua casa.

Mas não há dúvida que a Cobrança tem sanado o ficheiro de muitos pesos-mortos. Eu torno a dizer que «O Gaiato» não é um jornal comercial. É a expressão de uma «desorganização organizada» e dela quer partícipar sempre um bocadito. Mas não pode fugir a um mínimo de ordem, um jornal que não anda longe dos 50.000!

Ora o essencial da parte do assinante não é que o pague, se porventura não puder, mas que o ame, e fique amando mais o Homem seu irmão. Que o leia, que rie e chore com a sua leitura, que nos conheça, embora lá de longe, que participe de alguma forma na vida de uma Obra que é «explosão do Sobrenatural».

Os rapazes da Administração puseram-lhe o preço de 30\$ anuais. Foi a necessidade de concretizar. Mas a verdade é que «O Gaiato» não tem preço. Cada um dá o que puder. E se há quem entregue um conto de reis e mais, há quem o receba pelo título do amor

que nos tem, ao qual retribuimos com amor.

Este saneamento do nosso ficheiro, que o tem libertado de muitos pesos-mortos, refere-se, pois, aos que devendo muitos anos (alguns, tantos quantos os da sua assinatura!) dão sinais de um desinteresse total. Exemplo:

«Serve o presente para lhes vir comunicar a minha estranheza pelo facto de ter agora recebido a vossa informação de que a minha assinatura está 4 anos em atraso nos vossos livros.»

De facto recebo já há bastante tempo esse jornal, mas do facto eu não tenho nenhuma responsabilidade visto que nunca me inscrevi como assinante, nem fiz nada para que pudesse ser considerado como tal.

Deste modo, queiram fazer o favor de me comunicar se alguém me inscreveu como assinante ou de se pronunciarem a este respeito.

Graças a Deus a esmagadora maioria é a dos arrependidos e penitentes. Mas as dúzias de casos semelhantes a este exemplo, consideramos uma libertação terem-se esclarecido. É um serviço à verdade! Porquanto, pensando nós que aqueles jornais eram portadores de Vida, nos enganávamos redondamente.

E já agora chamamos a atenção para a causa destes desencontros: Quase sempre uma assinatura pedida por alguém em nome de outrem, sem conhecimento, nem consentimento deste. E se aconteceu ser este tão passivo, que nem devolve o jornal, nem protesta a sua ausência no pedido dele—como vamos nós adivinhar a «nenhuma responsabilidade» desta categoria de assinantes a respeito do jornal que, apesar de tudo, recebem anos a fio?!

Ora o Júlio anda atrás de mim para recomençar a campanha dos 50 mil, justamente para compensar as falhas destes desertores desde a primeira hora. Eu vou-lhe dizer que sim.

E entretanto peço já aos senhores que o hão-de ouvir e agir, que mandem só assinaturas consentidas. Preço? O que puderem, quando, como... se puderem! Nós estamos de acordo com todas as condições de pagamento.

A única essencial é o amor, que só com o amor se paga. O que pedimos—isso sim!—é que nos façam sabedpres dessas condições.

De contrário parece-me que podemos racionalmente presumir que «quem aceita o jornal contrai uma dívida».

ridade e beleza que não se descreve facilmente. Entramos em casa com muito apetite, já de noite, e soube bem a ceia quente que nos serviram.

Frei Junípero

8)—O actual pároco de Lavos, Rev.º Padre José Monteiro Ventura

8^o)—Não se ordenou, residindo actualmente em Cebola, sua terra natal.

CONTINUA

Visado pela
Comissão de Censura